



Cadernos BC
Série Educativa



O Pagamento Mágico



BANCO CENTRAL DO BRASIL

Programa de Educação Financeira



Cadernos BC
Série Educativa

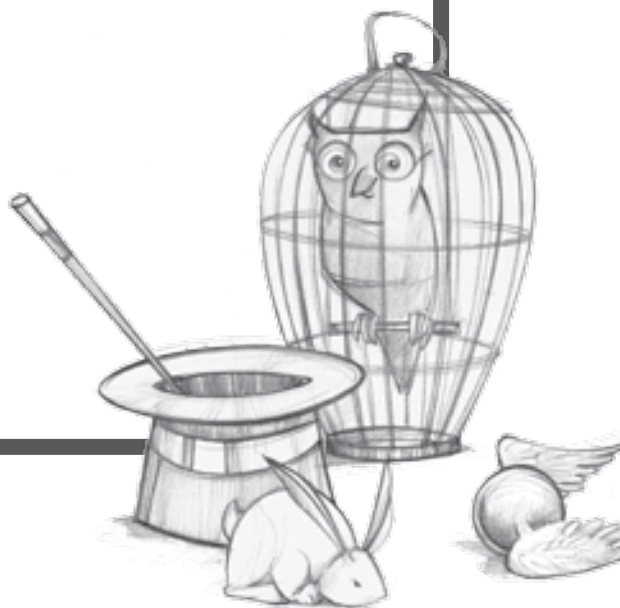
O Pagamento Mágico

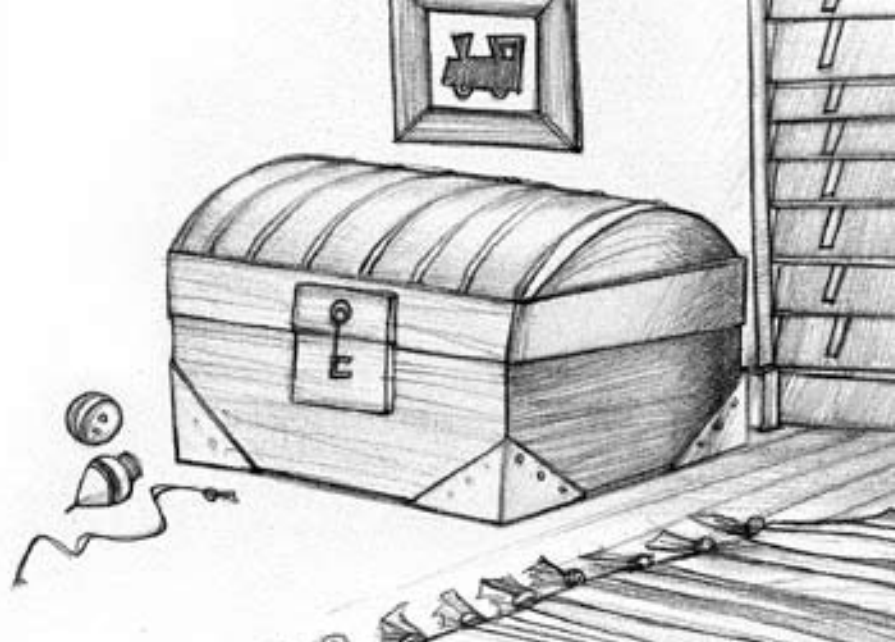
Dezembro de 2006



BANCO CENTRAL DO BRASIL

Programa de Educação Financeira





Cadernos BC, Série Educativa

- O que é o dinheiro?
- O que são bancos?
- O que é um Banco Central?
- O fantasma da inflação.
- O pagamento mágico.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Banco Central do Brasil

Banco Central do Brasil.

O pagamento mágico / Banco Central do Brasil

– Brasília : BCB, 2006.

40 p. : il. – (Cadernos BC. Série educativa).

1. Moeda – Livro didático. I. Título. II. Série.

CDU 336.74(07)



– **A**credite em mim, minha irmã! – disse-me Carlinhos novamente. Descobri que mamãe é uma bruxa! Carlinhos, meu irmão de seis anos, vinha insistindo no assunto desde a semana anterior. A primeira vez foi quando voltou da sapataria com a mamãe. Tinham ido comprar um par de sapatos para ele usar na noite de Natal e algo deve tê-lo perturbado, porque ele repetiu várias vezes a mesma história. Mas eu não lhe dei atenção, porque, na realidade, nada no mundo me faria pensar que mamãe era uma bruxa.

No entanto, dessa vez a coisa parecia ser muito séria, porque Carlinhos, com ar misterioso, pegou-me pelo braço e me levou para um canto em seu quarto para insistir no segredo.

– A mamãe é uma bruxa. Já comprovei – disse-me em voz baixa, olhando para os lados e temendo que mamãe aparecesse de repente, como acontece com todos os bruxos desde que o mundo é mundo.

– O que você está dizendo? Está sonhando? – falei-lhe, diante do absurdo.

– O que estou dizendo é verdade. Mamãe é uma bruxa, vi com meus próprios olhos.

– Está bem! E com base em que você garante que a mamãe é uma bruxa?

– Há uma semana, ela comprou um par de sapatos para mim. O pessoal da sapataria lhe entregou os sapatos sem que ela lhes pagasse com dinheiro. Foi um passe de mágica, como acontece nos filmes.

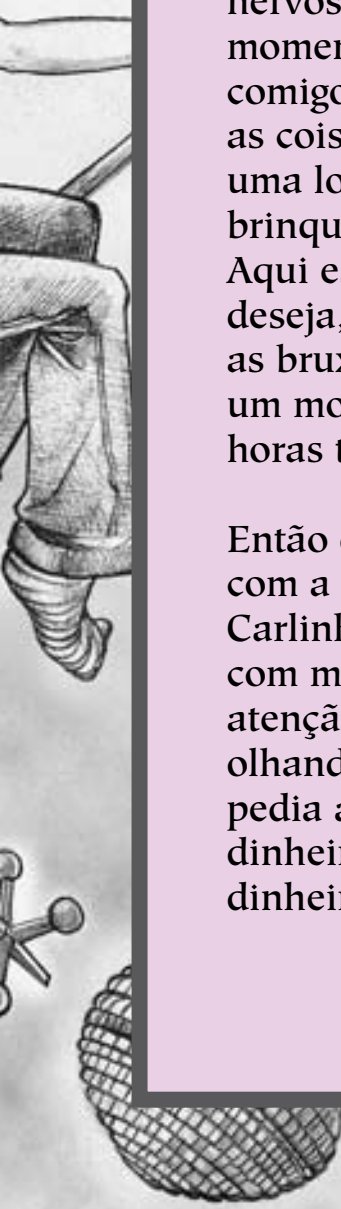
– Como não pagou? – perguntei-lhe.

– Não pagou nada, eu juro! Eu achei isso muito estranho, porque a mamãe não é dona daquela sapataria. E o mesmo aconteceu em outros lugares. Entregavam o que ela pedia e ela nunca pagava com dinheiro. A mamãe é uma bruxa que simplesmente consegue as coisas sem precisar pagar por elas.

– Você tem certeza do que está dizendo? – perguntei mais uma vez, em meio à minha descrença.

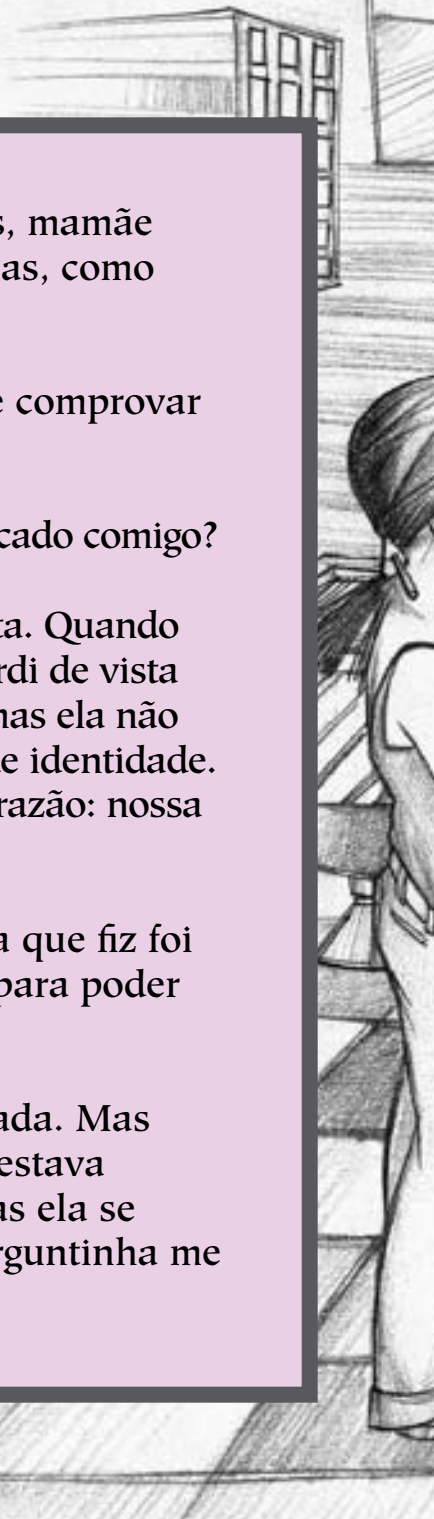






Minha situação era compreensível, pois qualquer um ficaria nervoso ao descobrir que a mãe é uma bruxa. Imagine, por um momento, que sua mãe é uma bruxa. Você tem que concordar comigo que isso seria maravilhoso. A gente poderia ter todas as coisas em um estalar de dedos. Poderíamos entrar em uma loja de brinquedos, por exemplo, e sair com todos os brinquedos que quiséssemos, sem precisar de dinheiro. Ah! Aqui está um sério problema: não se pode ter tudo o que se deseja, porque não se tem todo o dinheiro do mundo. Mas as bruxas ou os mágicos podem fazer isso. Os mágicos tiram um monte de coisas da cartola. Assim, podem passar horas e horas tirando coelhos, pombinhos e lenços que nunca acabam.

Então decidi que na primeira oportunidade iria às compras com a mamãe para ver com meus próprios olhos o que Carlinhos me contou. Vejam bem: eu já havia ido às compras com minha mãe muitas vezes, mas nunca tinha prestado atenção se ela pagava ou não. Eu estava sempre distraída, olhando as coisas que queria e não podia comprar. Quando pedia algo, ela sempre me dizia que estava com pouco dinheiro, que outros produtos eram mais necessários, e que o dinheiro não dava para comprar tudo o que desejávamos.



Mas isso era muito diferente. Segundo Carlinhos, mamãe podia conseguir as coisas sem ter que pagar por elas, como fazia o mágico da cartola.

Em uma manhã de sábado, tive a oportunidade de comprovar se minha mãe era uma bruxa de verdade.

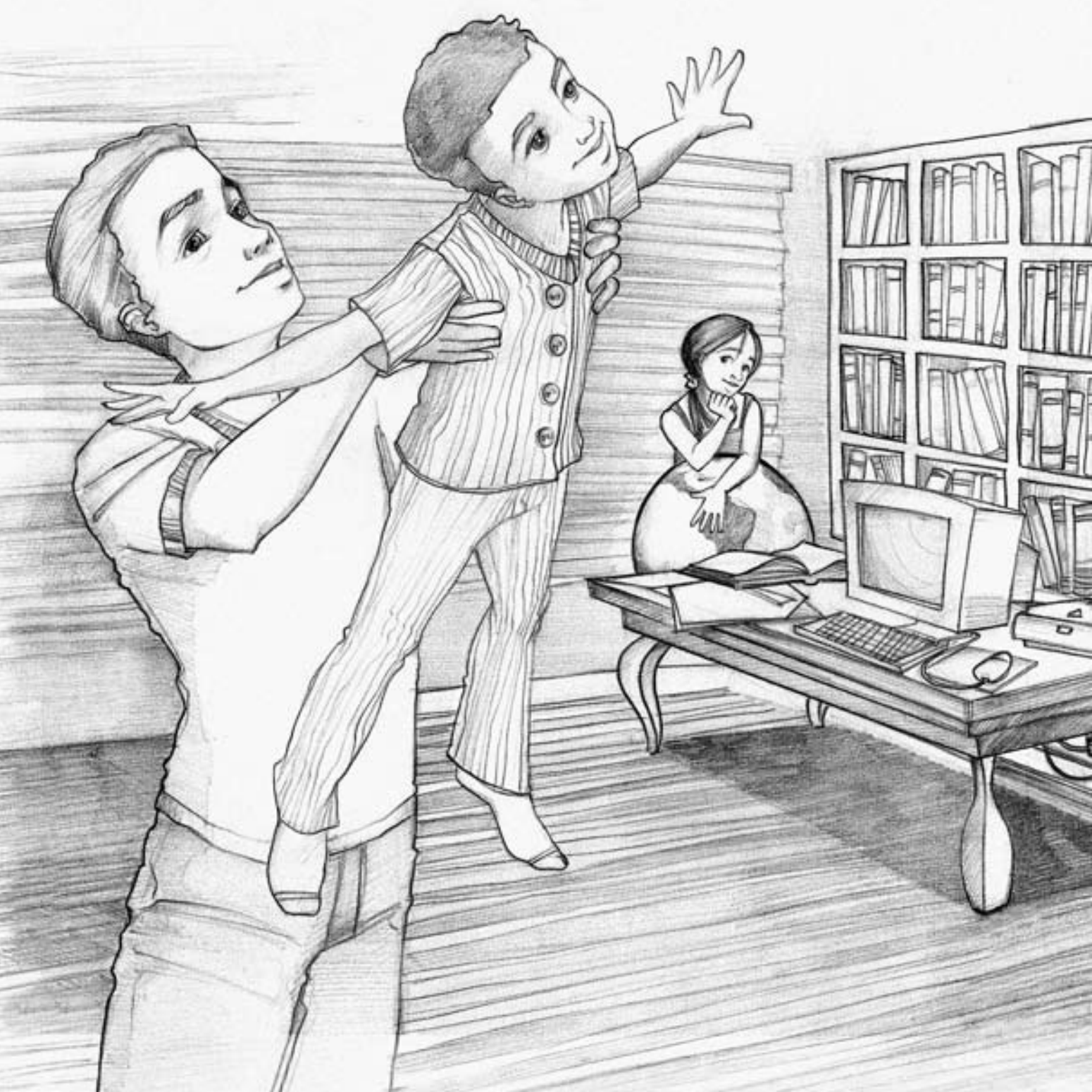
– Maria,– ela me chamou – você quer ir ao supermercado comigo?

E fomos, as duas. Mas dessa vez eu fiquei bem atenta. Quando minha mãe levou as compras para o caixa, não a perdi de vista nem por um momento. Deram-lhe as mercadorias, mas ela não usou dinheiro, só entregou um cartão e sua cédula de identidade. Era verdade o que meu irmão me contara, ele tinha razão: nossa mãe agia como uma bruxa.

Quando saímos do supermercado, a primeira coisa que fiz foi perguntar se eu podia ter um cartão como o dela, para poder comprar as coisas sem precisar de dinheiro.

Minha mãe me olhou surpresa e deu uma gargalhada. Mas não me deu nenhum esclarecimento, já que a rua estava cheia de carros e de gente. “Depois te explico”, mas ela se esqueceu, e eu passei o dia inteiro com aquela perguntinha me consumindo por dentro.





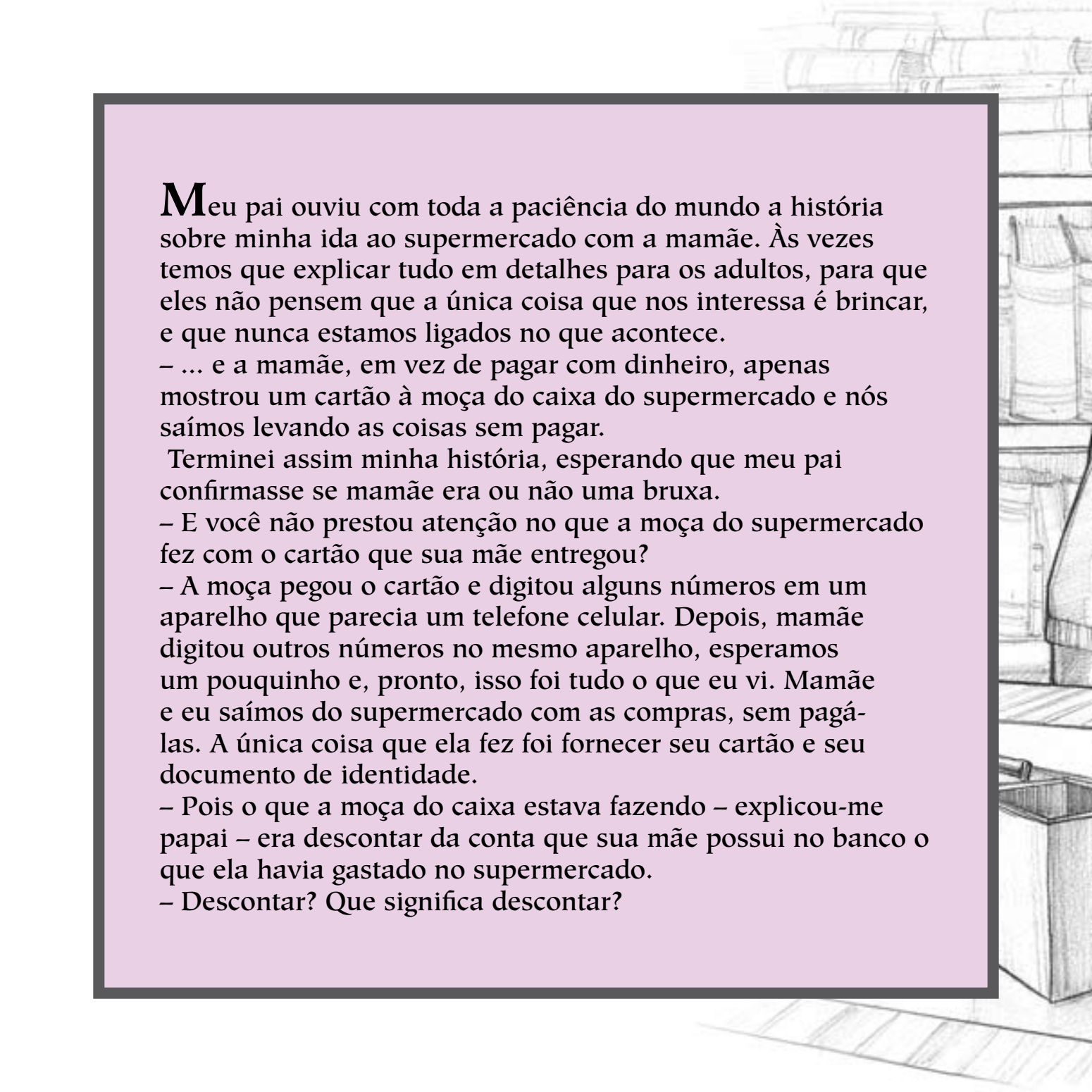


À noite, assim que meu pai chegou do trabalho, perguntei-lhe sobre o cartão mágico.

– De que cartão mágico você está falando? – perguntou-me papai.

– Desse cartão que a mamãe tem, com o qual consegue as coisas sem ter que utilizar dinheiro.

Meu pai sempre chega do trabalho muito cansado. Mesmo assim, a primeira coisa que faz é revisar uns papéis que traz do escritório, até que Carlinhos e eu conseguimos fazer com que ele deixe o trabalho de lado para dedicar um pouco de seu tempo a nós também. Então, meu pai diz: “É verdade, devemos deixar o trabalho no escritório”, guarda os papéis e começa a brincar com a gente, revisa nossas tarefas e escuta as intermináveis histórias de meu irmão sobre tudo o que aconteceu na escola, o que sua professora fez e o que não fez, e patati, patatá. Bom, eu também conto minhas histórias, mas elas são diferentes. Todo mundo sabe que as coisas que acontecem com uma menina de oito anos são muito diferentes das que acontecem com um garotinho de seis anos. Mas agora eu tinha uma dúvida e precisava esclarecê-la de qualquer jeito, o quanto antes.



Meio pai ouviu com toda a paciência do mundo a história sobre minha ida ao supermercado com a mamãe. Às vezes temos que explicar tudo em detalhes para os adultos, para que eles não pensem que a única coisa que nos interessa é brincar, e que nunca estamos ligados no que acontece.

– ... e a mamãe, em vez de pagar com dinheiro, apenas mostrou um cartão à moça do caixa do supermercado e nós saímos levando as coisas sem pagar.

Terminei assim minha história, esperando que meu pai confirmasse se mamãe era ou não uma bruxa.

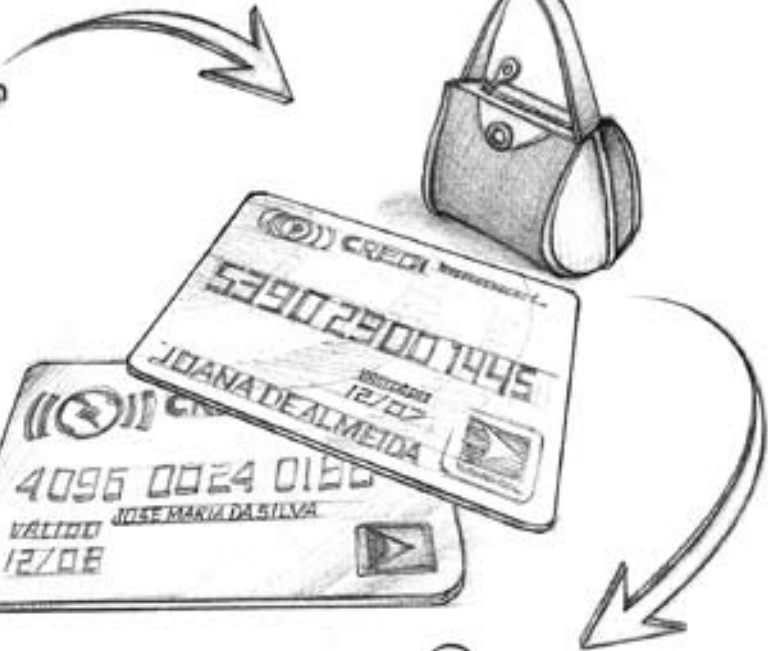
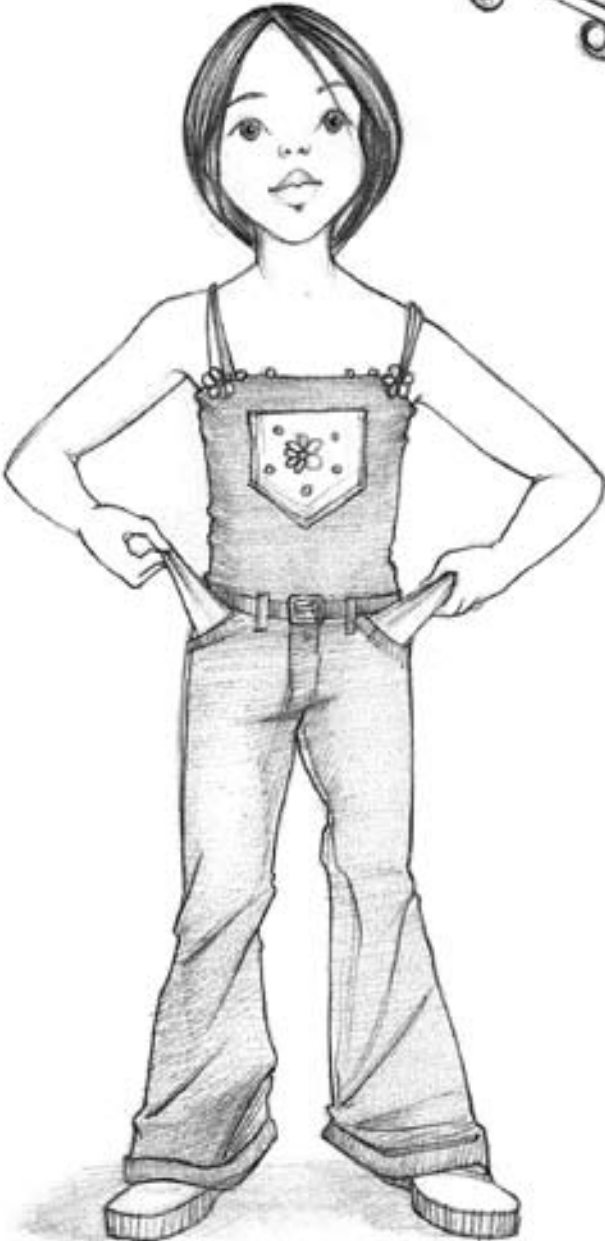
– E você não prestou atenção no que a moça do supermercado fez com o cartão que sua mãe entregou?

– A moça pegou o cartão e digitou alguns números em um aparelho que parecia um telefone celular. Depois, mamãe digitou outros números no mesmo aparelho, esperamos um pouquinho e, pronto, isso foi tudo o que eu vi. Mamãe e eu saímos do supermercado com as compras, sem pagá-las. A única coisa que ela fez foi fornecer seu cartão e seu documento de identidade.

– Pois o que a moça do caixa estava fazendo – explicou-me papai – era descontar da conta que sua mãe possui no banco o que ela havia gastado no supermercado.

– Descontar? Que significa descontar?





– **D**escontar é deduzir um valor de uma quantia que alguém possui. Nesse caso, foi descontado da conta bancária de sua mãe o que ela gastou no supermercado. Se nós não tivéssemos dinheiro depositado, em uma conta corrente ou em uma conta de poupança, o cartão nem funcionaria.

– Então, o cartão que minha mãe tem não é mágico? – perguntei-lhe, tentando entender.

– Claro que não é mágico! Ao passar o cartão na máquina, acessa-se a conta bancária dela. A seguir, ela digita a senha secreta pessoal e, automaticamente, é efetuado o débito.

– Então mamãe não é uma bruxa?

– Não, minha filha, sua mãe não é uma bruxa. A única bruxaria que ela fez foi deixar de ir ao banco, porque agora utilizamos linhas telefônicas conectadas a computadores para pagar as coisas que compramos. Depois de efetuado o desconto na conta, o que sobra é o saldo disponível nessa conta. Podemos comprar qualquer produto ou pagar por um serviço com esse cartão, enquanto tivermos saldo. Quando o dinheiro acaba, o cartão deixa de funcionar e não podemos adquirir mais nada, mesmo mostrando o cartão. Esse tipo de cartão é o chamado “cartão de débito”.

– E há outros tipos de cartões? – perguntei ao meu pai.

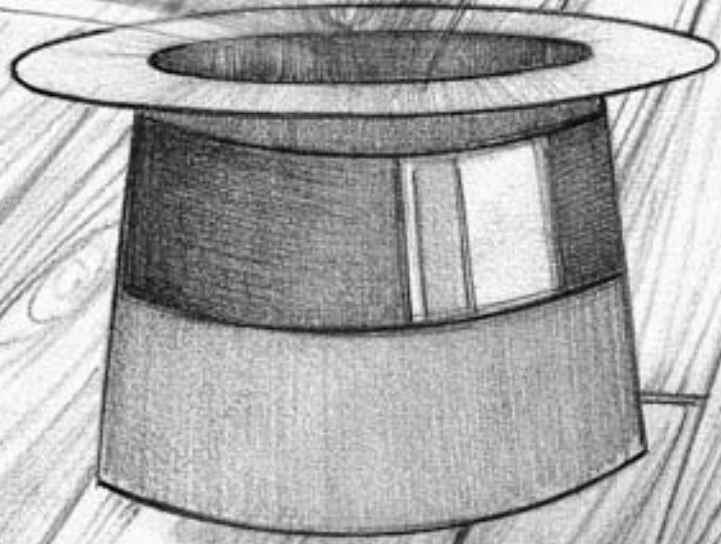
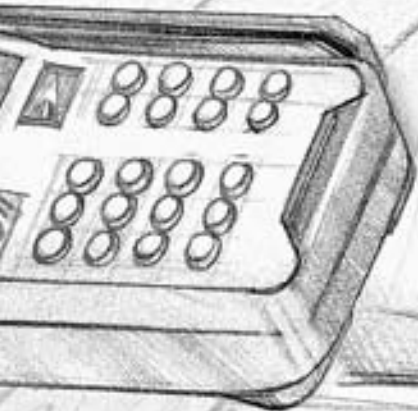


– **S**im. Há um que se chama “cartão de crédito”, com o qual podemos comprar, mesmo que não tenhamos dinheiro em nossa conta bancária. Nesse caso, o banco nos concede um crédito, ou empréstimo, cujo total temos que lhe devolver depois. Se não pagarmos tudo o que devemos na data de vencimento do cartão, somos obrigados a pagar uma quantia a mais, chamada de “juros”. Os juros são o benefício que se recebe quando se empresta dinheiro.


– E qual é a diferença entre esses dois cartões?

– Muito fácil – respondeu meu pai. O “cartão de crédito”, como seu nome indica, serve para nos dar um crédito, uma espécie de empréstimo, que usamos para fazer compras, mesmo sem termos dinheiro em conta-corrente. Já quando utilizamos o “cartão de débito”, o valor dos pagamentos ou saques de dinheiro é automaticamente descontado de nossa conta corrente ou poupança.

Apreendi, então, que as coisas nem sempre são o que parecem (como diz meu pai, “nem tudo que reluz é ouro”). Minha mãe não era bruxa e o cartão não era mágico. Aquele cartão era, simplesmente, como explicou meu pai, um cartão de débito ou um cartão de crédito. E a única coisa que esses cartões têm de mágico é que facilitam na hora de fazer compras ou outros gastos, evitando que tenhamos que ir várias vezes ao banco, tornando possível fazer compras mesmo sem se ter dinheiro no bolso ou na carteira.







Carlinhos me esperava ansioso em seu quarto para que eu esclarecesse se mamãe era ou não uma bruxa. Expliquei-lhe tudo da melhor maneira possível, porque é difícil para as crianças pequenas entenderem essas coisas sérias e complicadas dos adultos. Mas, felizmente, consegui, e meu irmão ficou tranqüilo por um tempo, pelo menos em relação a essa dúvida que o havia perturbado tanto.

Agora, as coisas começavam a se tornar claras para mim também. Depois, tornei-me uma especialista no assunto. Pedia a meus pais que me dessem seus cartões de crédito e débito vencidos para fazer brincadeiras com minhas amigas.

Confeccionávamos cédulas de mentirinha e pagávamos as compras com elas, como também utilizávamos cartões de crédito ou de débito. Preenchíamos as fichas de depósito que pegávamos quando nossos pais nos levavam ao banco, para parecer que estávamos fazendo depósitos.


Um dia, na escola, a professora nos pediu para elaborar um projeto e disse que devíamos escolher um tema que gostaríamos de estudar. Uns sugeriram que pesquisássemos o céu, as estrelas e os planetas. Outros, os índios, e ainda outros, as plantas. Mas eu propus que pesquisássemos as maneiras como as pessoas pagam suas compras.



De depois de muito discutir, finalmente nos decidimos pelos índios e pelas “formas de pagamento”, como disse a professora. O tema sobre “índios” me agradou muito, porque é muito importante que todos saibamos sobre os primeiros habitantes do Brasil, mas também gostei muito do tema relacionado às formas de pagamento, por ser muito útil nos dias de hoje. Assim, em certa manhã começamos a aprender sobre as formas de pagamento em sala de aula.







A primeira coisa que a professora nos explicou foi como as pessoas conseguem aquilo de que necessitam. Antigamente, os homens eram nômades (sem moradia fixa) e sobreviviam do que caçavam, pescavam, colhiam ou do que caía das árvores. Quando os mantimentos acabavam em um lugar, eles se mudavam para outro. Depois, desenvolveram a agricultura, a criação de animais e a cerâmica, e se tornaram sedentários, ou seja, passaram a viver em um mesmo lugar por longos períodos, ou mesmo por toda a vida.

Eles produziam o que podiam, mas nem sempre tinham tudo que necessitavam e, além disso, havia abundância em algumas épocas e escassez em outras. Para resolver esses problemas, as pessoas começaram a trocar produtos entre si: “Eu lhe dou o que me sobra, para que você me dê o que me falta”. Essa troca de uma coisa por outra se chamava “escambo”. Mas era muito difícil encontrar alguém que tivesse o que você queria e que quisesse o que você tinha para lhe oferecer em troca. Por isso, foram inventadas outras formas de pagamento para facilitar a troca das coisas.

As moedas feitas de metal (inicialmente em ouro ou em prata) e a cédula de papel, ou mesmo de plástico, que todo mundo chama de “dinheiro”, são as formas de pagamento mais conhecidas hoje.

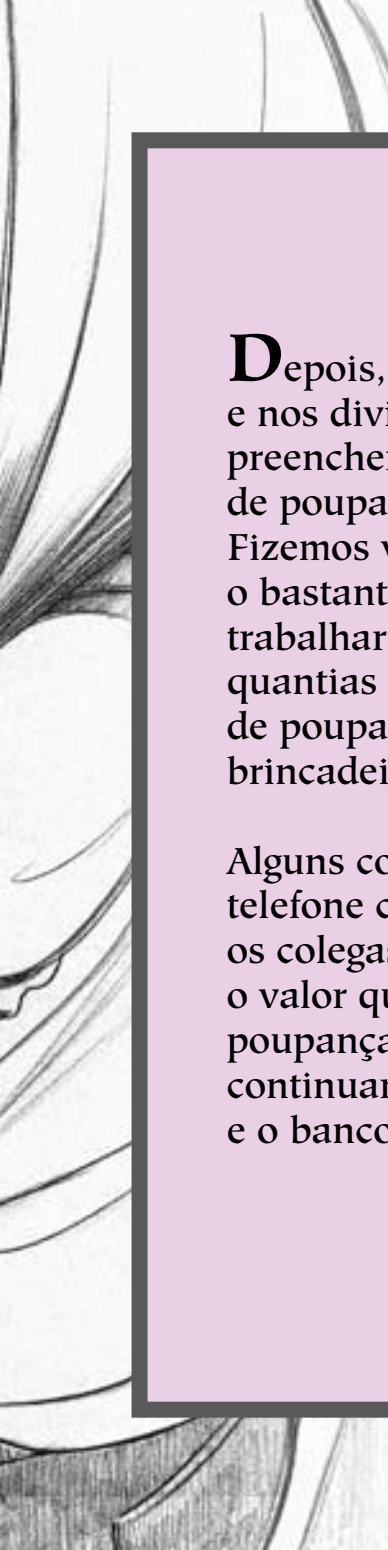
A professora continuou a nos explicar que, à medida que se produziam mais e mais bens, o comércio crescia e se tornava maior e mais complicado. Para facilitar as transações, foram criadas novas formas de pagamento, como o cheque, o cartão de crédito, o cartão de débito, o cheque de viagem, o cartão inteligente e o dinheiro eletrônico. Por não entendermos bem essa parte, a professora inventou um jogo muito legal com as formas de pagamento. Ela começou dando a cada um de nós um montinho de moedas de papel, como se fossem moedas de metal, e de cópias de cédulas para que fizéssemos as compras e aprendêssemos a somar e a subtrair, e também a multiplicar e dividir.

No dia seguinte, a professora nos entregou umas cópias de folhas de cheques para serem preenchidos com o valor exato da compra. Isso foi muito divertido, porque fez com que nos sentíssemos adultos e muito importantes. Ela nos explicou que existe outro tipo de cheque, chamado “cheque de viagem”, que os bancos vendem com o valor expresso em moeda estrangeira, como o dólar, e que a pessoa compra quando viaja para outros países.



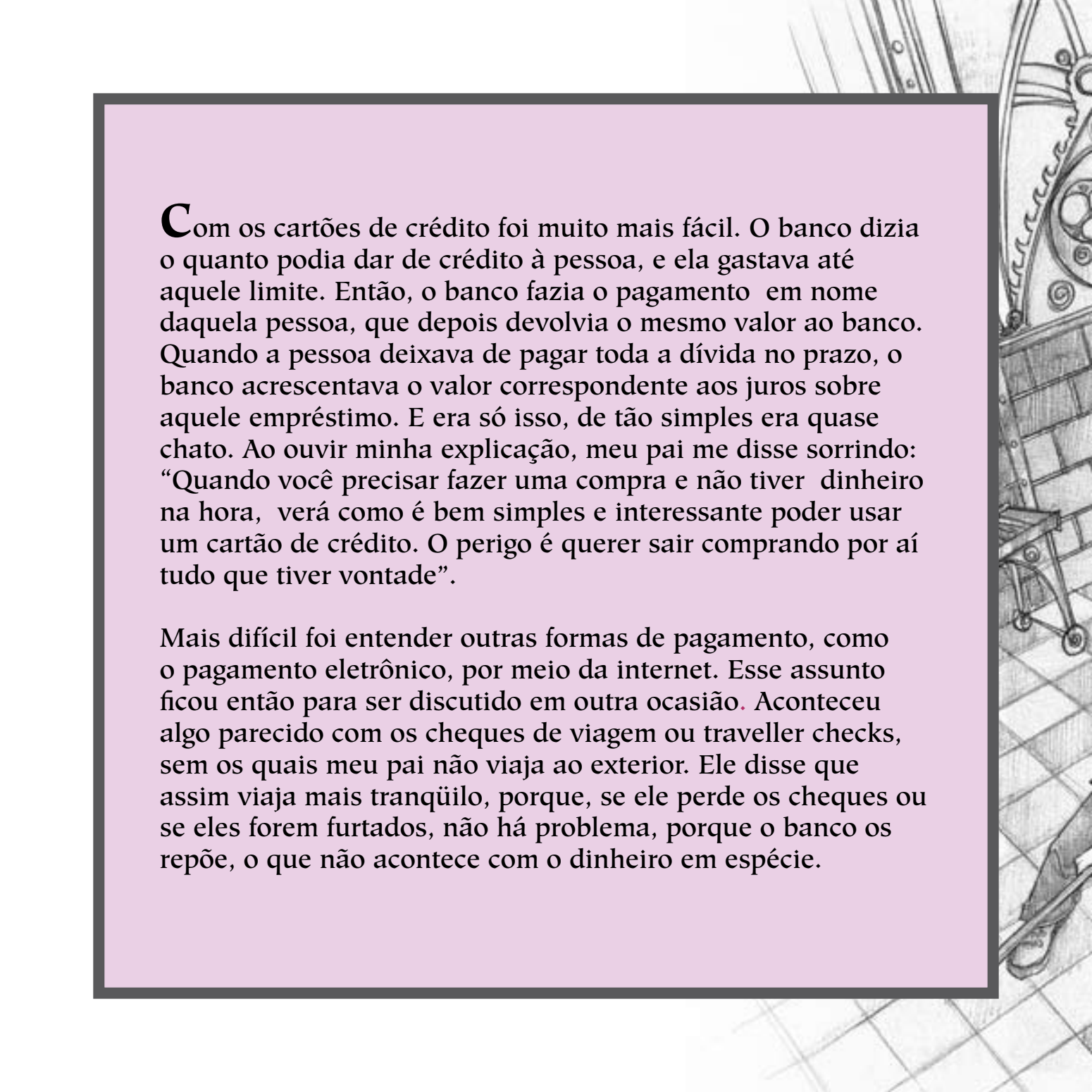






De depois, fizemos as compras utilizando cartões de débito e nos dividimos em grupos. Um grupo se encarregou de preencher umas fichas para depositar dinheiro em uma conta de poupança. Outro grupo depositava em uma conta corrente. Fizemos vários depósitos em dinheiro em cada conta para ter o bastante para fazer nossas compras. Um terceiro grupo fingia trabalhar em um banco, recebendo os depósitos e anotando as quantias depositadas em dois cartõezinhos, um para a conta de poupança e outro para a conta-corrente. Fazíamos tudo de brincadeira, mas era como se fosse de verdade.

Alguns colegas digitavam em uma caixinha parecida com um telefone celular, como se usa nas lojas de verdade, enquanto os colegas que fingiam trabalhar no banco descontavam o valor que gastávamos de nossas contas correntes ou de poupança, até que acabava o dinheiro e não podíamos mais continuar brincando. No final, esse dia terminou em confusão, e o banco quase foi à falência por causa da bagunça.



Com os cartões de crédito foi muito mais fácil. O banco dizia o quanto podia dar de crédito à pessoa, e ela gastava até aquele limite. Então, o banco fazia o pagamento em nome daquela pessoa, que depois devolvia o mesmo valor ao banco. Quando a pessoa deixava de pagar toda a dívida no prazo, o banco acrescentava o valor correspondente aos juros sobre aquele empréstimo. E era só isso, de tão simples era quase chato. Ao ouvir minha explicação, meu pai me disse sorrindo: “Quando você precisar fazer uma compra e não tiver dinheiro na hora, verá como é bem simples e interessante poder usar um cartão de crédito. O perigo é querer sair comprando por aí tudo que tiver vontade”.

Mais difícil foi entender outras formas de pagamento, como o pagamento eletrônico, por meio da internet. Esse assunto ficou então para ser discutido em outra ocasião. Aconteceu algo parecido com os cheques de viagem ou traveller checks, sem os quais meu pai não viaja ao exterior. Ele disse que assim viaja mais tranquilo, porque, se ele perde os cheques ou se eles forem furtados, não há problema, porque o banco os repõe, o que não acontece com o dinheiro em espécie.






VALID THRU
12/09

BB Bancroft

POM

1234 56789101112

PERMANENT LIBRARY



Meu pai me explicou que, ao comprar com cédulas em reais, em dólares, euros ou com qualquer outra moeda, a pessoa está usando dinheiro em espécie. Mas também se pode comprar com os cheques de viagem que a pessoa usa no momento em que precisa fazer pagamentos no exterior, bastando assiná-los. Geralmente, esses cheques são vendidos em dólares, porque o dólar é a moeda mais utilizada no mundo.

Até aqui, apesar dos probleminhas, eu havia entendido tudo o que tinha a ver com as formas de pagamento. Mas não entendi quase nada das explicações sobre os cartões inteligentes e sobre o dinheiro eletrônico. Senti-me meio burrinha, mesmo sabendo que uma pessoa nunca deve se sentir menos inteligente do que as outras, mas, por mais que tentasse, era complicado entender a coisa.

– Vamos lá, o que você não entendeu? – perguntou-me minha mãe, que tinha a grande virtude de encontrar soluções para todos os problemas.

Nesse caso, posso garantir que ela era como uma bruxa ou um ser de outro planeta.

– **E**u não entendo essa coisa de cartão inteligente! – disse-lhe, quase chorando.

– Será que esse cartãozinho é mais inteligente do que eu?

– Não seja tola, você também vai entender isso. Os cartões chamados “inteligentes” são cartões com uma tarja magnética ou um chip. São como estes (tirou uns cartões de seu bolso e me mostrou). Na tarja magnética ou no chip são armazenadas informações sobre o dono do cartão e sobre o próprio cartão.

– Então eles são iguais? – perguntei, começando a entender tudo.

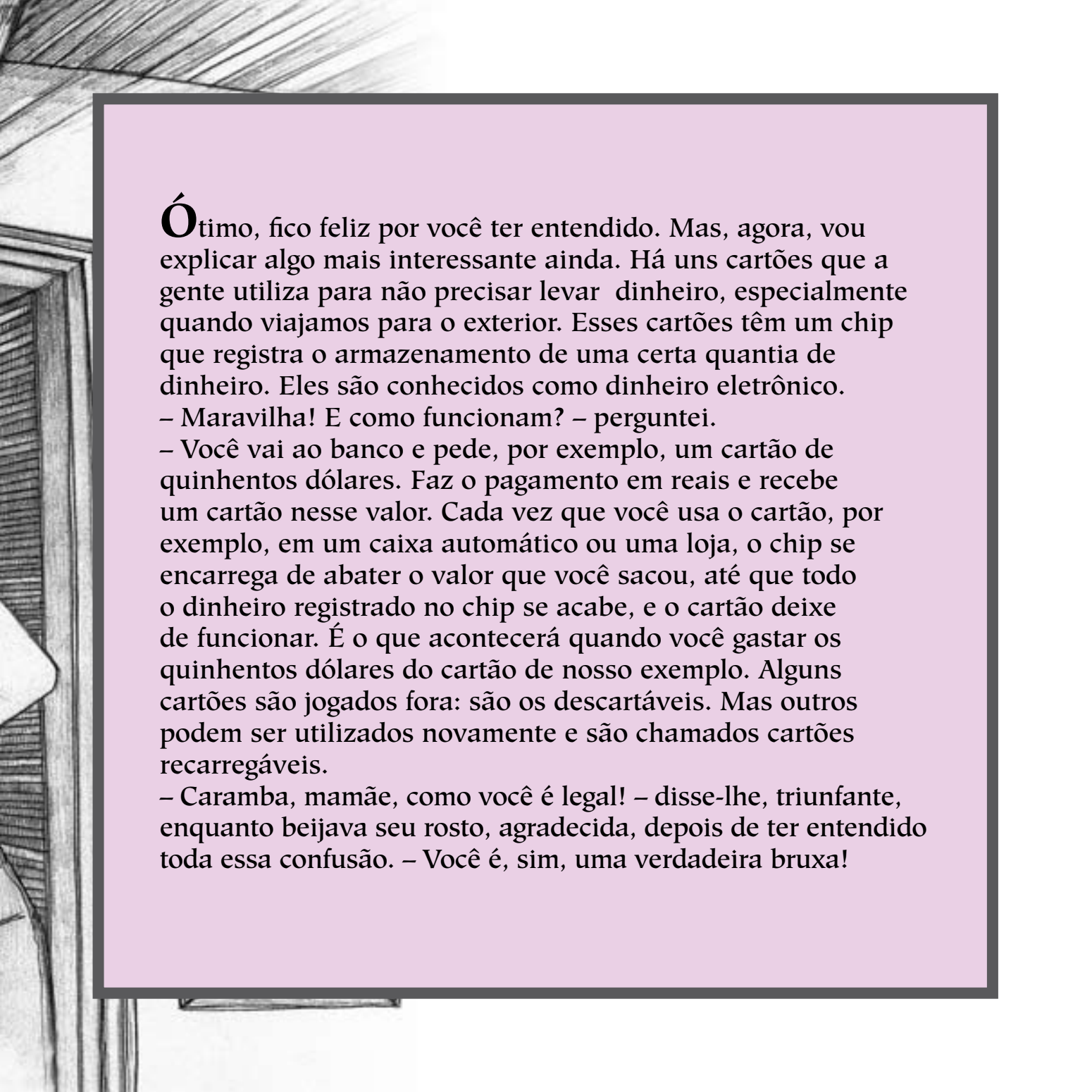
– Eles são parecidos, mas têm diferenças. Em primeiro lugar, os cartões com tarja magnética armazenam menos informações do que os que têm chip. Em segundo lugar, e o que é mais importante, os que têm a tarja magnética estão conectados a outros dispositivos ou a uma rede de computadores, que são, na realidade, os que executam as operações. Já os cartões com chip não precisam estar conectados a nada. O próprio chip funciona como um pequeno computador e realiza suas próprias operações.

– Agora, sim, eu entendi! A coisa é mais fácil do que eu pensava – disse à minha mãe, enquanto colocava meu dedo indicador na cabeça como fazem os que encontram respostas para os problemas complicados.



BB Banco Boni
1923 0021 1347 0002
Jozana de Almeida



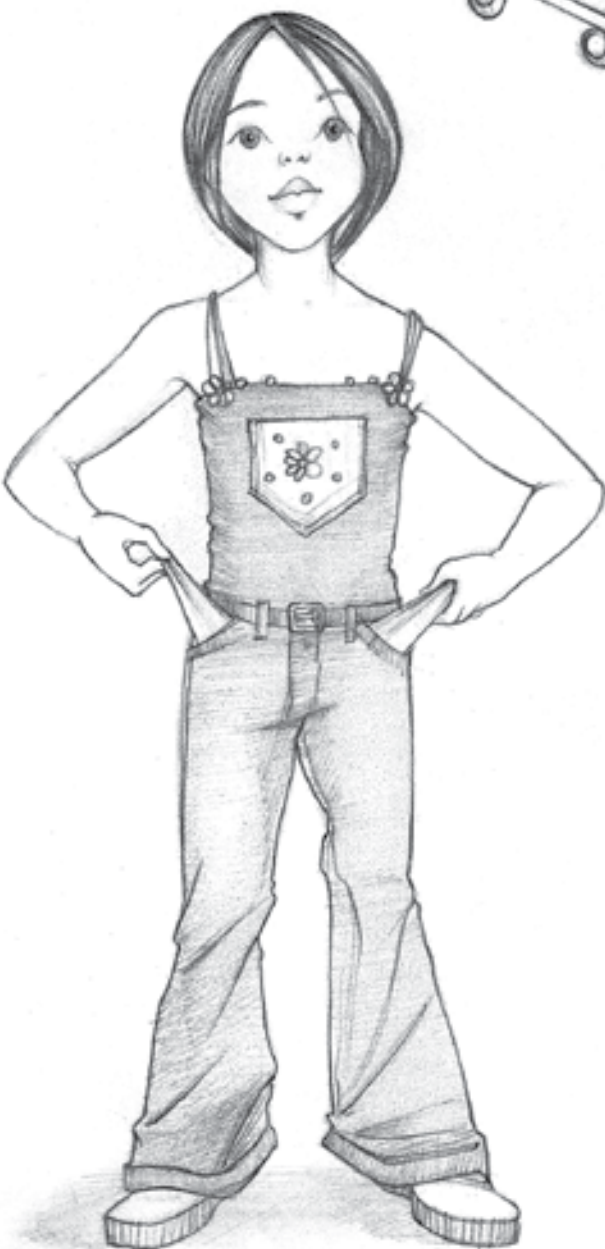


Ótimo, fico feliz por você ter entendido. Mas, agora, vou explicar algo mais interessante ainda. Há uns cartões que a gente utiliza para não precisar levar dinheiro, especialmente quando viajamos para o exterior. Esses cartões têm um chip que registra o armazenamento de uma certa quantia de dinheiro. Eles são conhecidos como dinheiro eletrônico.

– Maravilha! E como funcionam? – perguntei.

– Você vai ao banco e pede, por exemplo, um cartão de quinhentos dólares. Faz o pagamento em reais e recebe um cartão nesse valor. Cada vez que você usa o cartão, por exemplo, em um caixa automático ou uma loja, o chip se encarrega de abater o valor que você sacou, até que todo o dinheiro registrado no chip se acabe, e o cartão deixe de funcionar. É o que acontecerá quando você gastar os quinhentos dólares do cartão de nosso exemplo. Alguns cartões são jogados fora: são os descartáveis. Mas outros podem ser utilizados novamente e são chamados cartões recarregáveis.

– Caramba, mamãe, como você é legal! – disse-lhe, triunfante, enquanto beijava seu rosto, agradecida, depois de ter entendido toda essa confusão. – Você é, sim, uma verdadeira bruxa!





Você sabia que...

- As formas de pagamento são os meios que as pessoas usam para pagar o que compram e o que devem. Para realizar essas operações, as pessoas usam moedas, cédulas, cheques, cheques de viagem (ou traveller check), cartões de crédito, cartões de débito, dinheiro eletrônico e outros instrumentos de pagamento.
- O cartão de débito é o cartão que as pessoas utilizam para pagar o que compram ou para sacar dinheiro no caixa automático, mas, neste caso, a quantia gasta ou retirada é descontada da conta de poupança ou da conta corrente que a pessoa tem no banco.



- O cartão de crédito é o cartão que as pessoas utilizam para pagar o que compram ou para sacar dinheiro no caixa automático, mas, neste caso, o pagamento ou o saque são feitos de um valor dado como crédito pela administradora do cartão ou pelo banco a essas pessoas.

- As formas de pagamento mais utilizadas no mundo são as moedas, as cédulas e os cheques. Entretanto, os cartões de débito e de crédito vêm sendo cada vez mais utilizados, além dos cartões de crédito com tarja magnética ou chip para armazenar informações. Esses cartões (de débito ou de crédito), também chamados cartões inteligentes, oferecem as vantagens da segurança e da facilidade de uso.



**Agradecemos a autorização para
reprodução e adaptação concedida pelo:**

**Banco Central da Venezuela
Gerência de Comunicações Institucionais
Departamento de Publicações**

Créditos da publicação original:

**Pesquisa:
Gerson Regalado**

**Ilustrações, diagramação e digitalização:
Cristina Müller**

**Desenho original da série:
Luis Giraldo**





A palavra economia vem do grego *oikos* (casa) e *némein* (administrar). Desse significado de cuidar e lidar com os bens de uma casa, a palavra tomou o sentido que tem agora de administrar a riqueza pública de uma comunidade, região ou país. Daí também vem o nome da ciência que estuda os processos econômicos.

Com esta série de cadernos, o Banco Central do Brasil acredita estar oferecendo às crianças brasileiras, por meio de textos simples e ilustrações divertidas, alguns temas e conceitos básicos de economia que permitirão a elas compreender a complexidade do mundo econômico de hoje.

